



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E
POLÍTICAS PÚBLICAS

JULIANA MARIA DO NASCIMENTO MOTA

EDUCAÇÃO & GÊNERO: QUESTÕES PARA UMA SALA DE AULA MAIS
PARTICIPATIVA.

Sobral- CE

2022

JULIANA MARIA DO NASCIMENTO MOTA

**EDUCAÇÃO & GÊNERO: QUESTÕES PARA UMA SALA DE AULA MAIS
PARTICIPATIVA.**

Trabalho de conclusão apresentado ao
Programa de Pós-Graduação Profissional
em Psicologia e Políticas Públicas.

Orientadora: Dra. Rita Helena Sousa
Ferreira Gomes

Co-orientadora: Francisca Denise Silva
Vasconcelos

Sobral- CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M871e Mota, Juliana Maria do Nascimento.
EDUCAÇÃO & GÊNERO : QUESTÕES PARA UMA SALA DE AULA MAIS PARTICIPATIVA /
Juliana Maria do Nascimento Mota. – 2022.
51 f. : il.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação
Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, Sobral, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes .
Coorientação: Profa. Dra. Francisca Denise Silva Vasconcelos.
1. Questões de gênero. 2. Gênero. 3. Educação. 4. Docência. I. Título.

CDD 302.5

EDUCAÇÃO & GÊNERO: QUESTÕES PARA UMA SALA DE AULA MAIS
PARTICIPATIVA.

Trabalho de conclusão apresentado ao
Programa de Pós-Graduação Profissional em
Psicologia e Políticas Públicas.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes
Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral
(Orientadora)

Professora Dra. Juliana Vieira Sampaio
Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral
(Membro Interno)

Professora Dra. Aline Reis Calvo Hernandez
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
(Membro Externo à Instituição)

À Denise Silva (in memoriam), pelo amparo que fortalece a consciência, a luta, a vida.

AGRADECIMENTOS

À Denise Silva, eterna professora, amiga, pessoa de grande força em sonhar para além de si. Obrigada pela honra da companhia, pela dedicação em apostar em nossas vidas, pela grandeza na divisão de tempo. Obrigada por semear futuros, por acolher as dúvidas, por defender nossas dores, por nos ensinar a aprender sempre. Nunca terei as palavras certas, suficientes para falar sobre o impacto da sua vida nas travessias desse encontro.

À Rita Helena, professora e muito além de orientadora, guia de paciência, gentileza e inquietações. Obrigada pelo aceite em mais uma caminhada, pelas mãos e ouvidos sempre atentos, pelas palavras necessárias até mesmo no silêncio, pela defesa de uma razão desobediente em favor de vários nós.

À Maria Eduarda, minha filha, pelo interesse e alegria na minha continuidade de formação, pela paciência com as minhas ausências, pelos abraços quando o vazio quis invadir nosso chão.

Aos meus pais, Margarida Nascimento e Vicente Mota, pelos diferentes apoios no cotidiano, principalmente os que não consegui identificar.

Aos meus amigos Laeddeanos, Ana Carla, Débora Aguiar, Denise Araújo, Luiz Neto, Marco César, pela rede afetiva, pelos desejos de futuro, por serem multiplicadores na luta pela transformação social.

À todas as pessoas que pensaram, elaboraram e dão corpo a este programa de pós graduação. Ter um mestrado em Psicologia e Políticas em Sobral trouxe maiores possibilidades de continuar o sonho da carreira acadêmica, profissional para muitos de nós, classe trabalhadora.

Às professoras Juliana Vieira, Aline Hernandez e Simone Sousa, pela gentileza e disposição em participar da banca avaliadora, pelas contribuições e partilha de conhecimentos que irão contribuir com a produção e ampliação deste trabalho.

Ao grupo docente da escola participante pela abertura ao diálogo, pelo aceite na construção da pesquisa.

“Eu não carrego o mundo só, mesmo quando é só eu e meus cadernos.” (Drik Barbosa)

RESUMO

A dificuldade do debate sobre gênero nos espaços públicos de ensino contribui para a reprodução de práticas de discriminação/desigualdade de gênero institucionalizadas. Partindo dessa questão, este trabalho buscou investigar como as relações de gênero atravessam a sala de aula, são interpretadas e trabalhadas pelas (os) docentes do ensino médio da escola pública. Na articulação dos estudos em Psicologia, Educação, estudos feministas e *queer*, construiu-se o embasamento teórico para a exploração e análise. A perspectiva metodológica é direcionada pela abordagem qualitativa, de caráter exploratório, conduzida pela ferramenta de Pesquisa Intervenção (PI) e oficinas. Os encontros ocorreram exclusivamente de modo virtual, nos meses de agosto e setembro de 2021. Para avaliação dos elementos identificados, foi utilizada a proposta da análise do discurso, tendo ainda o diário de campo como ferramenta de auxílio. Os resultados indicam: que ocorrem diferentes formas de violência de gênero no ambiente escolar, sem estratégias claras de enfrentamento dessas questões; fragilidades de ação coletiva no contexto de pandemia de Covid-19; discursos sociais coercitivos contra docentes; confusões de entendimento e conflitos sobre a temática e formas de abordagem em sala de aula. Apontando a necessidade de maiores estudos sobre o assunto, foi produzido o curso de extensão “(Des)Aprendendo sobre Gênero: questões introdutórias para diálogos mais plurais e igualitários nos espaços educacionais” que, em conjunto com este artigo, pretendem fomentar maiores reflexões, investigações e ações coletivas sobre as relações de gênero na escola e, assim, (re) pensar políticas e processos educativos para todas pessoas que atravessam e são produzidas pelas práticas e espaços de ensino público.

Palavras – chave: Questões de gênero, Gênero, Educação, Docência.

ABSTRACT

The difficulty of the debate on gender in public teaching spaces contributes to the reproduction of institutionalized gender discrimination/inequality practices. Based on this question, this work sought to investigate how gender relations cross the classroom, are interpreted and worked on by public high school teachers. In the articulation of studies in Psychology, Education, feminist and queer studies, the theoretical basis for exploration and analysis was built. The methodological perspective is guided by the qualitative approach, of an exploratory nature, conducted by the Intervention Research (IP) tool and workshops. The workshops took place exclusively in a virtual way, in the months of August and September 2021. To evaluate the elements identified, the proposal of discourse analysis was used, with the field diary as an aid tool. The results indicate: that there are different forms of gender violence in the school environment, without clear strategies to face these issues; weaknesses of collective action in the context of the Covid-19 pandemic; coercive social discourses against teachers; confusions of understanding and conflicts about the theme and ways of approaching it in the classroom. Pointing out the need for further studies on the subject, the extension course “(Un)Learning about Gender: introductory questions for more plural and egalitarian dialogues in educational spaces” was produced, which, together with this article, intends to foster greater reflections, investigations and collective actions on gender relations at school and, thus, (re)think educational policies and processes for all people who cross and are produced by public teaching practices and spaces.

Keywords: Gender Issues, Gender, Education, Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

EEM - Escola de Ensino Médio

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, +

MEC - Ministério da Educação

MMIRDH - Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos

ONU - Organização das Nações Unidas

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Temas das Oficinas.....	17
Tabela 02: Gênero & Educação em Pauta (resumo respostas formulário pré-oficinas)	40
Tabela 03: Gênero & Educação em Pauta (resumo respostas formulário pós-oficinas)	46

Sumário	
Introdução.....	11
Percurso Metodológico: uma aposta feminista no entrelaçar da investigação.....	14
Oficinas de InterAções: revisando definições, expandindo sentidos.....	16
Analisando discursos e desenhando compreensões.....	17
Esse tal de gênero: evocando medos e desestabilizando diálogos.....	20
As questões de gênero nas práticas educacionais: um debate de vidro?.....	22
Psicologia, Educação e Políticas Públicas +: “porque só a luta é certeza”.	23
“Meu conto só chega até aqui; ele termina, o vento leva adiante”.....	26
Referências.....	29
APÊNDICE I – Programação das Oficinas.....	33
APÊNDICE II - Tabela 02: Gênero & Educação em Pauta.....	40
APÊNDICE III – Tabela 03: Gênero & Educação em Pauta.....	46
ANEXO I - Parecer de aprovação do curso de extensão universitária.....	50

O acesso a recursos e o reconhecimento do valor e da capacidade dos indivíduos para definir a própria vida variam segundo suas características e sua posição nas relações de poder, entre elas o gênero. Desigualdades estruturais impactam as possibilidades de autodefinição e as oportunidades disponível para as pessoas (Flávia Biroli).

Introdução

Diante da brutalidade do fenômeno e de suas consequências individuais e sociais, a violência de gênero é apontada como um problema mundial, marcada como uma questão de saúde pública e de direitos humanos (OPAS, 2017). A violência de gênero não possui uma definição universal, mas é caracterizada pela Organização das Nações Unidas como “qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual ou simbólica contra alguém em situação de vulnerabilidade devido à sua identidade de gênero ou orientação sexual” (ONU, 2017).

Violência de gênero é produto de uma cultura patriarcal, de uma organização social de privilégio masculino em detrimento do feminino (ALBERNAZ; LONGHI, 2009). A concepção da mulher objeto e a performance do masculino engendram percepções equivocadas de valores humanos e relações precarizadas (MINAYO, 2005). Mesmo que a violência de gênero possa afetar qualquer pessoa, independentemente de sua identidade de gênero e/ou sexualidade, a maioria dos registros deste tipo de agressão denunciam um aspecto misógino em que as mulheres e LGBTs são as maiores vítimas (FIALHO; SOUZA 2020).

Em todas as esferas sociais e institucionais, inclusive na escola, as mulheres vivenciam uma experiência crescente de depreciação e violência, na medida em que há uma conjuntura de supervalorização do homem (MINAYO, 2005; ALBUQUERQUE, 2020). Embora a escola não seja a principal causadora dessas situações, é possível incluir nas pautas e práticas escolares o debate sobre essa conjuntura. Afinal, a escola tem potencial para ser um espaço de superação dessas violências, um lugar de desenvolvimento e respeito à pluralidade humana (JUNQUEIRA, 2012).

Em estudos sobre violência de gênero nas escolas, secundaristas e docentes relatam cada vez mais suas experiências com o machismo e o sexismo entre os muros escolares (VILELA, 2016). É presente uma “pedagogia do insulto” contra pessoas LGBTs no contexto educacional (JUNQUEIRA, 2012). Nesse sentido, a escola se configura como um ambiente hostil, normatizante, onde ocorrem preconceitos e discriminações principalmente contra mulheres e LGBTs. (FIALHO; SOUZA 2020).

Tais condições adversas à pluralidade de expressões de gênero e sexualidades, impactam negativamente no rendimento escolar dos estudantes (BRASIL, 2009). Além dos impactos cognitivos, pesquisas apontam a dimensão do sofrimento e adoecimento mental das/dos estudantes LGBTs, especialmente em pessoas travestis e transsexuais (GARCIA & SONETTI, 2020). Vigora assim, uma forma de educação heteronormativa, religiosa, que marginaliza existências que divergem da norma cisheteropatriarcal.¹

Em dados coletados pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), foi verificado que 93,5% dos entrevistados possuíam preconceito de gênero no espaço escolar (ALBUQUERQUE, 2020). O estudo destacou a gravidade do problema e a urgência de intervenções no ambiente educacional, pois o pensamento e prática sexista são estruturais para atitudes de violência. Na análise do trabalho da FIPE, defende-se uma educação sexual e de gênero como pontos de educação para a cidadania, defesa dos direitos humanos, de sociedade plural e democrática.

Segundo Fialho e Souza (2020), a ocorrência da violência de gênero no ambiente escolar também foi resultado encontrado na pesquisa Nacional de Saúde do Escolar realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015. Os registros foram de que 47% dos estudantes já sofreram alguma violência² na escola (discriminação recorrente - *bullying*). Os autores concluíram que ocorriam, naqueles espaços, práticas educacionais preconceituosas e discriminatórias, atitudes divergentes à perspectiva dos direitos humanos. Há fartos exemplos destas práticas, como se pode ver no discurso abaixo reproduzido:

Se você é homem, foi feito para mulher e mulher para o homem. E o que foge disso é impuro” [...] “Olha no espelho, tira a roupa. Olha no espelho, você é mulher. E mulher fica com homem [...] qual a opinião de um homem ficar com homem e mulher ficar com mulher? Qual o problema? Todos os problemas!³

Com base no Relatório Luz 2019 para a Agenda 2030, o país tem realizado várias medidas que divergem dos compromissos internacionais e das políticas de enfrentamento às desigualdades sociais de gênero (CARDOSO et al.; 2019). Além de sugerir melhorias nos

¹ Termo utilizado por Akotirene (2020) em seu livro: Interseccionalidade. O termo se refere à junção entre as normais sociais da cisgenderidade, heterossexualidade e patriarcalismo formando uma estrutura social de opressão.

² Outra referência informa “que aproximadamente 20% dos alunos pesquisados afirmaram rejeitar colegas de classe transexuais, travestis e homossexuais” (ABRAMOVAY, 2015).

³ Discurso de uma docente em sala de aula, no dia 11 de agosto de 2022, conforme vídeo e notícia veiculados no site midianinja.org. Verificar em <https://midianinja.org/news/lgbtfobia-em-goias-professora-diz-que-ser-homossexual-e-impuro-e-deixa-estudantes-indignados/>

indicadores de dados, o documento recomenda a necessidade de assegurar a discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas como medida de prevenção e confronto à violência de gênero.

Para bem compreender e combater a violência de gênero, é preciso desfazer percepções equivocadas que constantemente confundem gênero, sexualidade e sexo. Na visão exclusivamente médica, biológica dos corpos, sexo foi e ainda é utilizado como referência para designar quem deve ser visto, se comportar como homem ou mulher, as formas de relações e desejos. Contrário a tal visão reducionista, opressora, o uso do termo gênero nas pautas feministas busca trazer a natureza social dos corpos, problematizando as diversas expressões humanas, distanciando-se de uma suposta natureza (GOMES, 2012).

Diante disto, a categoria gênero, na concepção dos estudos feministas e decoloniais, assume posição estruturante na condução deste trabalho. Gênero é uma categoria analítica e política, uma construção social e histórica sobre as distinções biológicas dos corpos que são atravessadas por características sexuais socialmente elaboradas. São nas relações sociais, seus discursos e linguagens que o “gênero” emerge e se reproduz (BENTO, 2006; LOURO, 2014). Constituinte de subjetividades, não há um determinismo, essencialismo biológico. É na arena social das práticas relacionais, institucionais que as desigualdades, hierarquias de gênero ocorrem.

Considerando a dificuldade deste debate nos espaços públicos, é vital o aprofundamento sobre as discussões sobre gênero e violência de gênero nas escolas. A escola, os currículos escolares são discursos de poder e tanto por isto, se faz necessário a luta pela manutenção dos direitos duramente já “alcançados” e ampliação dos espaços de discussão.

Inserindo-se neste campo, este trabalho realizou uma exploração com docentes do ensino médio da escola pública do município de Sobral – CE, tendo por objetivo principal investigar como as relações de gênero atravessam a sala de aula, são interpretadas e trabalhadas pelas (os) professoras (es). As hipóteses são de que 1) o tabu social acerca do debate sobre gênero e sexualidade na escola pública, juntamente com o neoconservadorismo da atual pauta política, deixam as (os) docente com receio de inserir, abordar tais assuntos na sala de aula; 2) a formação docente ainda é precária nos assuntos sobre gênero e sexualidade, promovendo assim uma prática educacional em sala ainda excludente.

A perspectiva metodológica ocorreu através da abordagem qualitativa, de caráter exploratório, conduzida pela ferramenta de Pesquisa Intervenção (PI) e utilizando as

ferramentas das oficinas. Os encontros ocorreram de forma remota⁴, durante o período de agosto a setembro de 2021.

Referente à dimensão teórica e de análise da pesquisa, buscamos estruturação a partir dos estudos feministas, decoloniais, *queer*, perspectivas interseccionais e dos campos de conhecimento da Psicologia, Educação, saberes essenciais na construção da crítica ao modelo binário dos papéis sociais de gênero.

Até aqui, foram apresentados dados e informações acerca da violência de gênero, em específico a sua relação com o campo educacional, escolar e suas implicações psicossociais para a comunidade discente e sociedade. Nas próximas páginas que seguem serão expostas: 1) a construção metodológica: estrutura, condução, apreensão e análise dos dados; 2) os resultados, as categorias identificadas e discussões decorrentes; 3) as considerações, lacunas e possibilidades percebidas no decorrer do processo da pesquisa.

Percurso Metodológico: uma aposta feminista no entrelaçar da investigação.

Conforme as premissas da pesquisa feminista, não há intenção de neutralidade nesta investigação (HARDING,2019). Da escolha do tema à condução do exame de “dados”, o delineamento está implicado no questionamento da suposta naturalidade acerca das desigualdades sociais e violência de gênero. Neste sentido, é fundamental que se leia o percurso metodológico a seguir detalhado como atravessado por esta perspectiva e ética feministas.

A construção da pesquisa foi de natureza básica, de objetivo exploratório, que visa se familiarizar com os problemas e possibilitar construção de hipóteses (GIL,2002). No delineamento da pesquisa, a metodologia utilizada foi a de abordagem qualitativa. A proposta da pesquisa qualitativa é uma forma de satisfazer às exigências epistemológicas inerentes aos estudos da vida real, nas diferentes esferas sociais (YIN, 2016).

A condução da pesquisa teve a Pesquisa-Intervenção (PI) como ferramenta teórico-metodológica, em razão do caráter de construção coletiva no ato de pesquisar/conhecer. De forma crítica e buscando a transformação da realidade, a pesquisa-intervenção originária do campo das pesquisas participativas é oposta à posição de saber tradicional que deslegitima diversas possibilidades de subjetivação, organização sócio-política, criação e análise de sentidos não hegemônicos (ROCHA &AGUIAR, 2003).

⁴ Em cumprimento às medidas sanitárias contra a disseminação da covid-19, desde março de 2020 até o momento da realização das oficinas, as atividades acadêmicas presenciais em todo o Ceará estavam suspensas.

Ainda na operacionalização da pesquisa, foram utilizadas oficinas a fim de fomentar a discussão sobre os temas principais e construção coletiva de ações que visem diminuir processos de estigmatização, violência de gênero na sala de aula. As oficinas funcionaram como estratégia metodológica de aproximação e recriação de sentidos individuais e coletivos dos temas abordados. Por ser uma proposta dialógica de trabalho, as oficinas permitem abertura para reflexões, mudanças de consensos, novas possibilidades e capacidades de recriações de saberes e práticas (SPINK et al., 2014).

A ferramenta do diário de campo também foi agregada às oficinas enquanto instrumento de registro da pesquisadora sobre sua percepção durante atividades, englobando comentários sobre o andamento dos exercícios e memória dos processos da exploração, bem como serviu de auxílio nas análises. Para além das descrições, esse mecanismo ajuda na reflexão, ajustes, considerações sobre as ações planejadas, direcionamentos necessários e as implicações na relação pesquisadora e demais sujeitos na pesquisa (KROEF; GAVILLON; RAMM, 2020).

Para análise de todo o conjunto de dados coletados, o caminho adotado seguiu a análise de discurso. Tal proposta busca questionar os discursos e, a partir deles, investigar as produções da linguagem e seus significados presentes (MINAYO, 2014). Os discursos são elementos da linguagem empregada pelos sujeitos nos seus enunciados e representações (COYLES, 2010). Em seguida, os dados coletados e ações observadas foram analisados a partir do referencial anteriormente citado, respeitando todos os aspectos éticos e técnicos da pesquisa científica, conforme as resoluções vigentes.

O projeto de pesquisa fora submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e à Plataforma Brasil⁵. Para o desenvolvimento da investigação, os encontros não foram gravados, apenas transcritos (conforme apontando no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE), ressaltando que nenhum dado pessoal ou de identificação dos sujeitos seria divulgado, obedecendo todos os princípios éticos e legais conforme as Resoluções CNS 466/12 e 510/16. Todas (os) participantes tiveram acesso ao TCLE, e poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento. Após aceitação das (dos) docentes em colaborar com a investigação, coletivamente, foi acordado e agendado sobre as condução e execução das oficinas.

⁵ Projeto aprovado sob o registro CAAE: 50319221.1.0000.5053.

A pesquisa em questão teve realização no município de Sobral, com docentes⁶ de uma Escola de Ensino Médio (EEM)⁷, localizada na zona norte do estado do Ceará. A escola pública da rede estadual de ensino regular⁸ existe desde 1964 no município, estando com 25 profissionais no quadro⁹ docente de 2021, atendendo 432 estudantes do ensino médio, divididos nos turnos da manhã e tarde, conforme a informação apresentada pela diretora da escola.

Oficinas de InterAções: revisando definições, expandindo sentidos.

O primeiro contato com o grupo de professoras(es) da escola mencionada ocorreu no dia 20 de maio de 2021, com a apresentação¹⁰ da proposta de pesquisa na reunião de planejamento do corpo docente. Sem resposta após a reunião, foi buscado, junto à direção da escola, o contato telefônico das (os) educadoras(res).

Considerando a impossibilidade de uma comunicação direta, a conversa/convite apenas foi possível via aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Ao todo, foram recebidos dez contatos, dos quais apenas seis aceitaram participar da pesquisa. As pessoas que não puderam participar informaram que estavam com a saúde mental fragilizadas e/ou sobrecarga de trabalho online.

Corroborando com a situação, tem-se a pesquisa realizada em 2021 pela Nova Escola, na qual apontou que 72% das (dos) docentes escutados tiveram a saúde mental afetada na pandemia. Foram diversas tentativas para o alcance de um acordo sobre os dias e horários dos encontros, uma vez que o semestre letivo estava em andamento e a escala era diferente para cada membro.

Por fim, as quartas-feiras, de quinze às dezessete horas, foi o dia e turno/horário mais acessível para a maioria. As oficinas ocorreram nos meses de agosto e setembro de 2021,

⁶ As(os) docentes serão identificados ao longo do texto por letras do alfabeto, não tendo nenhuma relação com os nomes verdadeiros, a fim de resguardar o sigilo das(os) participantes.

⁷ A “decisão” pela escola em questão ocorreu por ser a única que aceitou receber a proposta de intervenção da pesquisa em andamento. Vale ressaltar aqui as boas relações entre a direção da escola e o projeto de extensão universitária na qual a pesquisadora foi outrora participante. Diferentes escolas foram consultadas, mas sem sucesso de espaço para a realização das oficinas.

⁸ A partir de 2022, a escola deverá ofertar o currículo do novo ensino médio. Ressalta-se que na nova estrutura, os termos gênero e orientação sexual foram suprimidos do PNE (2017). É no mínimo preocupante que mesmo não sendo temas abolidos das competências a serem trabalhadas em sala de aula, tais temáticas estejam ausentes no texto da base curricular.

⁹ Relação docente estava distribuída entre 23 docentes efetivos e 02 temporários. Constavam 11 professores e 14 professoras. Durante as oficinas não houve resposta sobre identidade de gênero ou sexualidade dissidente.

¹⁰ Para além da apresentação, fez-se também o convite para a participação das(os) educadoras(res) no desenho da proposta com sugestões, acréscimos ou até restrições. Não houve nenhuma sugestão ou objeção sobre os assuntos previstos no plano de intervenção.

exclusivamente de modo virtual. A participação média nas oficinas foi de 4 participantes, em sua maioria homens¹¹.

Tabela 01: Temas das Oficinas

Oficinas ¹²	Assuntos/Temas	Quantidade de Participantes
1º	Apresentação/Formulário Inicial	5
2ª	Contexto Docente	4
3 e 4º	Direitos das Mulheres À Educação	5
5º e 6º	Questões de Gênero e Devolutiva do grupo	7
7º e 8º	Violência de Gênero e Violência contra as mulheres	4
9º	Violência contra as mulheres	5
10ª	Homofobia	2
11º e 12º	Preconceito, discriminação e violência contra LGBTQIA+	2
13º	Encerramento/ Formulário Final	6

Fonte: dados da pesquisa.

Analizando discursos e desenhando compreensões

Os textos que serão analisados foram recortados de transcrições¹³ das falas docentes na ocorrência dos encontros e dos formulários virtuais. Conforme o roteiro das oficinas, foi aplicado um formulário no primeiro encontro e outro no encerramento. O objetivo era de identificar se e quais assuntos sobre a discussões das questões de gênero o grupo já possuía, como trabalhavam, possíveis dificuldades ou dúvidas sobre a intervenção. A intenção da aplicação dos formulários foi a busca por mais elementos do discurso individual/social das(os) professores sobre seu processo formativo e prática docente sobre o assunto e sobre a atividade das oficinas e temáticas em questão.

A decisão pelos trechos que serão discutidos ocorreu pelo entendimento de serem discursos com coerência, organização e funções (COYLES,2010) mais alinhadas às perguntas de eixo da pesquisa, a saber: como as relações de gênero atravessam a sala de aula, são interpretadas e trabalhadas pelas (os) docentes do ensino médio da escola pública. Não se trata de apresentar percepções únicas, mas apontar os possíveis desenhos discursivos, como se

¹¹ Ainda que as mulheres fossem a maioria do quadro docente, ocorreu uma maior adesão e participação por parte dos homens nos encontros. Não foi possível investigar os motivos sobre o menor engajamento das professoras nas oficinas.

¹² O plano era de ser uma oficina a cada encontro. No entanto, identificando a proximidade dos temas e baixa participação docente, em alguns dias foram discutidos mais de um tema por vez. Ressalta-se ainda que também pela baixa adesão, nem todos os temas foram discutidos. O encerramento precisou ocorrer mais cedo, em razão da retomada do semestre letivo.

¹³ O recurso da transcrição foi previamente informando no TCLE, bem como reforçado durante os encontros. Levando em conta que as oficinas ocorreram de modo virtual e não há programa gratuito para gravação de voz, a transcrição ocorreu de modo automático via extensão *Google Meet Transcripts, by Scribbl*. A transcrição não ocorreu completamente sem erros, mas foi a ferramenta encontrada para auxiliar no processo organização dos dados para análise.

construíram, que sistemas de poder validam as estratégias que cada uma(um)/ corpo social utiliza nos processos de ação no mundo.

Novamente, cabe sublinhar a dimensão não-neutra da pesquisa sob uma ótica feminista. Na atuação e ligação entre Psicologia, Educação e Políticas Públicas, a procura de articulações, explicações, intervenções sobre as multifaces das questões de gênero no espaço escolar não está desligada da experiência pessoal identitária da pesquisadora de ser uma mulher, periférica, estudante de instituições públicas. Posicionada de modo a esperar por uma sala de aula que produza capacidade de viver e prazer (hooks, 2017), registro as inquietações e linhas nesses caminhos de pesquisar.

Currículos para (re) construção: *quantas vidas estamos deixando pra trás?*¹⁴

A escola é um importante campo de acesso à garantia de direitos, cidadania, espaço de subjetivação. Uma educação que promova a diversidade de diálogos e possibilidades de existência é um ambiente de promoção de saúde também. Amplo campo de disputa, é nosso dever questionar o currículo ultrapassado, a didática vazia, as normas de controle, o ensino da barbárie para as nossas juventudes. O que estamos ensinando para as novas gerações? Que corpos estamos deixando pelo caminho? Uma escola excludente é uma ferida que se abre na história de alguém.

No currículo está documentado o que deve ser dito e, de modo implícito, o que não deve, o que pode então ser silenciado, não discutido. Mesmo antes das limitações impostas pela nova BNCC (2017), a discussão sobre o conceito de gênero dentro das escolas era constantemente afastada, quando não totalmente barrada. Tão importante quanto ouvir o que é dito sobre os sujeitos, é perceber aqueles que não podem falar, existir na escola (LOURO, 2020). Na garantia da norma colonial de alguns, vai se certificando a eliminação de tantos outros.

Os documentos, as normas escolares com seus discursos aparentemente ‘invisíveis’, são na verdade potencialmente letais (PORTO, 2019). O currículo educacional, a escola, são dispositivos de controle dos corpos, de uma implementação de posições binárias e heteronormativas das expressões de gênero e sexualidade. Excluindo assim, manifestações diferentes e divergentes à norma dita e “mal-dita”.

Vale ressaltar que, anterior às definições do que pode ou não ser discutido em sala de aula, o currículo da formação docente também é ponto de preocupação. Com base no formulário respondido pelas(os) participantes, apenas 03 delas(es) tiveram uma formação onde

¹⁴ Essa pergunta foi um questionamento da professora G que encerrou o encontro de tema “Questões de Gênero”.

os temas gênero e sexualidades tenham sido apresentados/discutidos. Para as(os) demais, o acesso às discussões sobre gênero, sexualidade, violência contra a mulher ocorreram no período após a graduação, durante as formações continuadas, ações que são estimuladas pela rede educacional do governo estadual e/ou municipal. Quando perguntado sobre a inclusão dos temas sobre gênero e sexualidade no currículo de formação docente/ou discente, as respostas foram

Sim, devem ser dialogadas entre professores e alunos (docente E);

Essencial (docente F);

É interessante por que o público de hoje tá cada vez mais diverso em sala de aula (docente A);

Considero uma iniciativa muito importante (docente C);

Acho uma excelente ideia, mas que precisa de mais discussão a respeito ou conhecimento sobre o assunto (docente B);

Acho fundamental para nossa prática docente. Devemos estar preparados para trabalhar com as gerações presentes e as futuras (docente D).

Considerando que o currículo docente e/ou discente estrutura a construção dos trabalhos em sala, não são à toa os mais diversos ataques dos setores conservadores às formulações de políticas educacionais progressistas, em específico as implementadas pelos governos Lula-Dilma (2003 – 2015). Mesmo antes da eleição da atual¹⁵ gestão do poder executivo, iniciativas que buscavam ampliar o acesso e conhecimento acerca de gênero e sexualidades dissidentes sofriam com ataques com as mais diversas distorções conceituais, tais como: equiparar as pautas LGBTQIA+ com pedofilia; as ofensivas na “A exposição Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, ocasionado em seu fechamento¹⁶, os atos¹⁷ contra a visita de Judith Butler ao SESC Pompeia também em 2017, dentre outras formas fascistas de protesto.

Destaca-se que os índices de violência sexual contra crianças e adolescentes crescentes a cada ano¹⁸, o genocídio da juventude preta¹⁹ e periférica, os números de

¹⁵ A escrita deste artigo se deu antes das eleições de outubro de 2022.

¹⁶ Notícia veiculada no site *El País* (2017), acessível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html.

¹⁷ Notícia veiculada no site *El País* (2017), acessível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652_717856.html.

¹⁸ Conforme dados veiculados pela UNICEF – Brasil (2021), acessível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/nos-ultimos-cinco-anos-35-mil-criancas-e-adolescentes-foram-mortos-de-forma-violenta-no-brasil>

¹⁹ Maiores detalhes em Atlas da Violência 2020. Acessível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>

abandono/evasão escolar²⁰ (agravadas pela pandemia de Covid-19), para citar que alguns exemplos de violações de direitos humanos de adolescentes e jovens pelo país, não são temas de preocupação evidentes pela ala conservadora, o que deve nos levar a pensar sobre o que está em jogo nesta forma veemente pela qual o termo gênero é combatido.

Esse tal de gênero: evocando medos e desestabilizando diálogos.

Compreendido de modo limitante e pervertido, o termo gênero é comumente colocado como algo sexual/erótico, perigoso, mesmo por parte de alguns educadores. Com o avanço dos discursos neofascistas e com a pauta moral de determinados setores religiosos, gênero tornou-se ponto das mais diversas distorções conceituais (JUNQUEIRA, 2019). “Ideologia de Gênero” tornou-se expressão batida na agenda política dos grupos reacionários. Presente das redes sociais ao planejamento das ações do poder executivo vigente (2022), a inversão de tal doutrina conseguiu provocar primitivos sentimentos de ameaça social.

Gênero é termo, conceito de amplo debate não para fins de produção de uma definição exata, estática, mas com objetivo de promoção de diálogo e com distanciamento de entendimentos equivocados acerca do tema. Ainda é presente e bastante perigosa a compreensão de que gênero e sexualidade são relacionais e naturais. Assim, é bastante limitante uma BNCC (2017) que retira gênero e sexualidade do documento no lugar de reforçar a necessidade de aprofundamento e disseminação dessas discussões.

Os discursos e as ideologias que constroem o medo e a censura na escola pública tiveram forte avanço após a mudança de gestão no Ministério da Educação (MEC) e a extinção do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (MMIRDH). O atual Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, chefiado por Damares Alves²¹, tem sido um vetor de *fake News* sobre a discussão e ações sobre gênero e sexualidades nas escolas. O que deveria ser um ministério promotor de direitos humanos, na verdade é uma pasta que desconsidera tais questões. Quando perguntado ao grupo como era discutir, trabalhar sobre as questões de gênero em sala, alguns responderam que

²⁰ Mais de 05 milhões entre crianças e jovens estavam sem acesso à escola em 2020. Acessível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-de-6-10-anos-sao-mais-afetadas-pela-exclusao-escolar-na-pandemia#:~:text=Em%20novembro%20de%202020%2C%20mais,universalizada%20antes%20da%20Covid%2D19.>

²¹ Sob iniciativa da Ministra, o Disque 100 poderá ser utilizado para receber denúncias contra professoras(res) por incitarem a “ideologia de gênero” na escola. Notícia disponível em <encurtador.com.br/oswQV>

Há muita polarização.... A gente tem que pisar em ovos... É por isso que é um desafio hoje na sociedade contemporânea a questão de gênero né, a gente tem que ter muito cuidado quando for falar. Infelizmente a gente não pode estar falando digamos assim abertamente numa escola principalmente fundamental, mas no ensino médio né a gente vai ter que ter um planejamento muito dedicado a isso pra gente não acabar ferindo os sentimentos né de outras pessoas ou a gente se passar aí digamos assim parcial e nós temos que ser imparcial em relação à informação que a gente passa para os nossos estudantes (docente A)

A gente tem medo de discutir, tem as famílias (docente E)

Então isso é isso aí pra mim é um grande desafio que a escola ainda tem que passar por ele (docente F).

Destarte, em relação ao gênero, conceito produzido a partir dos movimentos e lutas feministas, também não há um consenso e definição exata. No entanto, conforme autoras como Berenice Bento (2006), Guacira Louro (2014) e Judith Butler (2017), gênero ainda que considere elementos físicos do corpo, não é definido pelo sexo biológico ou sexualidade.

A confusão entre gênero e sexualidade foi identificada nas respostas iniciais do formulário e no decorrer dos encontros. Para pergunta “*Como as questões de gênero e sexualidades se manifestam na escola onde trabalha, na sua sala de aula?*” tivemos as seguintes respostas

Através de notícias de telejornais e comentários destas. (Docente E)

Nem sempre são harmônicas. Na escola onde eu trabalho tivemos eventos com boas oficinas e debates sobre a questão, as quais tiveram ampla participação. Contudo, creio que dois elementos são fundamentais para que se realize um trabalho mais consistente: (i) inserir no currículo; (ii) formação continuada para todos os professores. Não faz sentido haver mediação apenas mediante conflitos e, da mesma forma, se um professor não tem nenhuma formação no sentido de compreender o seu papel (independente de credo e de moralidade), a escola nunca estará preparada para lidar e orientar para a questão. (Docente F)

Bem quanto se fala no quesito participação acho que os dois gêneros impõem seu papel quanto ao seu momento e espaço. mas percebo que as mulheres são mais ativas nas discussões. (Docente A)

Através dos conteúdos pré-estabelecidos na proposta curricular das disciplinas, trabalhadas em oficinas, minicursos, seminários ou eventos culturais e sociais. (Docente C)

Através de falas ou atitudes dos discentes. (Docente B)

Temos que conscientizar nossos alunos em relação à homofobia. E ensiná-los a respeitar os colegas "diferentes" que não se adequam aos padrões. E combater a misoginia. (Docente D)

Conforme os estudos feministas e *queer*, patriarcado ou cultura patriarcal, cultura do estupro, dominação masculina, heterossexualidade compulsória, masculinidade hegemônica, sexismo, são os principais contextos que estruturam toda a dinâmica da violência contra mulheres e LGBTs dentro e fora do espaço escolar, produzindo as bases de tantas divergências de opiniões e práticas que envolvem as pautas sobre gênero e sexualidade no debate social. Se todo esse conteúdo hostil está implicado nas mais diversas dinâmicas micro relacionais, institucionais, midiáticas e estampados nos índices de violência contra as mulheres e LGBTs cotidianamente noticiados, dentro da escola não poderia ocorrer um debate, uma prática sem conflitos, contradições e inseguranças.

As questões de gênero nas práticas educacionais: um debate de vidro?

Na crônica²² de Ruth Rocha, é apresentada uma escola onde estudantes são separados em vidros, cada um no seu “lugar” e nada de movimentos, contatos ou brincadeiras em sala de aula. Até que um dia, quando um novo estudante impossibilitado de usar o vidro (leia-se impedido), se movimentava livremente pela escola e acaba por acender a vontade nos demais de saírem, quebrarem seus potes. No entanto, nem toda história é tão lúdica assim. Nas palavras de nossa informante, a interação com o “diferente”, com as diversas formas de expressão de gênero e sexualidade ainda é vidro para não ser tocado, visto, quebrado.

Essa é uma questão... as questões de gênero esse debate é como se fosse de vidro. Sabe como se é aquela coisa que você manuseia com aquele cuidado porque na maioria das vezes o docente muitas vezes está mais despreparado, tá inseguro para lidar com isso ou ele não está aberto porque ele tem uma preconceção em relação ao que é o que seja gênero, se esforçando para disseminar na sala de aula sua ideologia, né? (Docente F)

quando a gente transita em vários outros meses a gente vai percebendo o contrário né que professores estão muito inseguros ainda sabe para discutir essas pautas, evitando, fingindo que não escuta um aluno sobre isso, né? essa acolhida pobre né de ah não existe nome social é besteiro, é frescura, você vê muito isso entre educadores e isso é uma tristeza né é um desserviço para a sociedade, alimenta a continuidade de tensões que não precisariam existir ao meu ver (Docente F)

²² Ruth Rocha. Admirável mundo louco; uns pelos outros; quando a escola é de vidro. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.

Na dialética do sistema de opressão sexista e patriarcal, diversos elementos de dominação se entrelaçam na formação dessa estruturação ocidental e colonizada que é a sociedade heteronormativa. Uma heterossexualidade compulsória como natureza humana, uma inutilidade de solicitar um passado essencial para explicar o presente, como norma, natural e única de nossa expressão. Produto das tecnologias de gênero (LAURETIS, 2019), essa normatização, esse tipo de tecnologia sexual reduzem corpos, reproduz violências e formas assimétricas de poder (PRECIADO, 2019).

Nos discursos avaliados, ressaltam-se as divergências com que as descrições sobre questões de gênero aparecem, ora como violência dos homens contra a mulher, ora como LGBTfobia. Conforme o tabu acerca do tema de gênero e sexualidades nas escolas, é possível pensar que tal temor alimenta mais desinformação e violência ao invés de efetivamente combater as práticas hostis.

Enfatiza-se que, na estrutura e reprodução das violências de gênero, existem outros fatores que alimentam rotineiramente o fenômeno das violências contra as “minorias”, principalmente após o término abrupto do período mais progressista da suposta democracia brasileira. A difamação dos direitos humanos, o sucateamento das políticas públicas de combate à violência contra a mulher, contra a LGBTfobia, o congelamento de gastos públicos, mercantilização da educação pública, estrutura governamental fascista e a pandemia de Covid-19 agravaram ainda mais as desigualdades sociais e violências de gênero (BIROLI, MACHADO, VAGGIONE, 2020; CARA, 2019).

Psicologia, Educação e Políticas Públicas +: “porque só a luta é certeza²³”.

Dentre as diferentes forças que podem e devem auxiliar na (re) construção de uma sala de aula mais dialógica, os saberes da Psicologia, Educação e Políticas Públicas são apontados nesta pesquisa como alguns dos campos mediadores de novas relações, articulações de aprendizados e conhecimentos nos espaços escolares. Por se tratarem de conhecimentos que buscam atuar com base e na defesa dos Direitos Humanos, estas três áreas possuem forte relevância.

A “dignidade da pessoa humana” infelizmente ainda é privilégio. Não faltam legislações, acordos ou registros para documentar e, em muitos casos, efetivamente garantir o direito à vida. Não é “autoevidente” que a criação e fortalecimento de políticas públicas

²³ Frase de Natalha Theofilo. Quilombola, feminista negra, líder camponesa em Anapu (PA) e afrotrancista.

compromissadas com a emancipação e autonomia humana sejam condições essenciais para a uma vida coletiva organicamente saudável.

Os objetivos principais da pesquisa eram investigar como as relações de gênero atravessam a sala de aula, são interpretadas e trabalhadas pelas (os) docentes do ensino médio da escola pública, bem como proporcionar momentos de reflexões para as(os) docentes, de modo que o grupo articulasse estratégias próprias e estruturadas com a realidade do contexto de sala de aula vivenciado. No decorrer da exploração, não foi esquecido que, na escola pública, a liberdade de atuação docente anticonservadora, as expressões dissidentes de estudantes, historicamente e rotineiramente são ameaçadas.

Diante desse cenário, reforça-se a ideia de que, somente em aliança, no trabalho coletivo de várias forças e atuações será possível garantir que a educação pública seja mais fortalecida, diversa, saudável. Atuar em educação de modo efetivamente inclusivo somente é possível quando conectado com a cultura de direitos e a prática democrática (COSTA & MULLHER, 2018).

Foram recorrentes nos encontros os comentários de que as principais soluções para um melhor aprofundamento dos temas e outras práxis, seja na escola ou fora dela, concentram-se no debate de gênero e sexualidade na escola, políticas públicas direcionadas por tais conteúdos, bem como, a implementação dos temas sobre questões gênero e sexualidade nos currículos de formação docente e discente.

“E é papel da escola fazer esse debate porque nós estamos formando seres humanos” (Professora F).

Acho que o espaço da escola é fundamental para que a gente tenha esse entendimento né do respeito. Por quem é representante da comunidade LGBTQIA+ né? Porque nós temos vários alunos que são homossexuais, são bissexuais, TRANS. e etc. e que às vezes a gente percebe, né? Em algum momento do cotidiano escolar você percebe algumas manifestações de preconceito, de negação, dos direitos (Professor C).

Então veio esse rapaz da Seduc e ele tem todo um trabalho com a comunidade, LGBT mais. então trouxe experiência, ele trouxe material né porque às vezes a gente confunde um pouco, uma sigla, nomenclatura. Então esse rapaz veio e ele soube transmitir pra gente e eu até fiquei pensando essa formação não deveria ter ficado só com os professores porque foram poucos de cada escola né, foram representações, deveria ter uma coisa maior e deveria ter chegado até o núcleo gestor e também aos alunos e alunas (Professor C).

Então essa questão desses temas, principalmente LGBT, a questão da própria homofobia em si são temas desafiadores porque ainda é novo por incrível que pareça é um tema novo no caso ser trabalhado. Na escola não é digamos assim novo na

questão social, mas são desafios que nós como escola temos o papel de mostrar né? Mas aí não é só a gente que tem esse interesse tem também parte do outro lado que a questão dos alunos (Professor A).

De fato, falamos muito de igualdade de gênero, nós estereotipamos algumas profissões. Assistindo o vídeo me peguei imaginando os bombeiros e notei que eu não imaginava uma mulher bombeira, mesmo que na escola ensinamos que todos podem ser o que desejam ser (Professor B).

Apesar do desafio, incluir e discutir questões de gênero na escola é possibilitar a quebra dos padrões de violência, a construção de outras histórias, corpos e vidas. Evidencie-se que a inclusão e aplicação das práticas educativas dos temas de gênero e sexualidade estão “amparadas” legalmente por instrumentos nacionais e internacionais (CARDOSO; GUARANY; UNGER; PIRES, 2019).

Desestabilizar o padrão da suposta normalidade sobre o gênero é cumprir com as diretrizes e leis de enfrentamento à violência de gênero, promover mais efetividade na promoção dos direitos humanos e, sobretudo, atender ao dever ético-político em favor de uma vida ampla e não de uma vida precária (BUTLER, 2011). Daí ser tão urgente que os ataques reacionários às políticas públicas educacionais (por exemplo, a retirada dos termos gênero e sexualidade na BNCC) sejam modificados e, assim, asseguremos outra legislação e implementação das políticas de educação que sejam cada vez mais inclusivas.

Não bastasse a tímida presença sobre as questões de gênero e sexualidade nas escolas, é presente a nefasta articulação entre fundamentalismo e neoliberalismo que produz tanto um cerceamento às práticas pedagógicas docentes, quanto uma educação acrítica para os discentes. Afinal, é uma falácia a concepção de família e laicidade do Estado adotada pelo movimento conservador (PORTO, 2019).

Diante da dificuldade do debate nas instituições públicas de ensino, é necessário mais espaço para estudiosos da educação, das questões de gênero e sexualidade, visando a possibilidade de uma atuação mais embasada, crítica e política por parte de todos aqueles que pensam, elaboram e colocam em prática as políticas educacionais. A escola é campo de diversas disputas e, as narrativas, as linguagens entram em jogo para manutenção de privilégios, de uma homogeneidade, normalidade mítica. Assim, defendemos a continuidade e fortalecimento das discussões de gênero e sexualidade nas escolas, reforçando a importância de estratégias democráticas e plurais nesse campo.

Destarte, é urgente a formulação de uma educação mais pautada por pedagogias mais afetivas e não apenas numericamente efetivas. A violência acaba com a criatividade e com

as possibilidades de engajamento, principalmente das/dos jovens em processo educacional. Pensando a importância que a educação possui, retomamos as inquietações provadas por Louro (2000): Existe educação sem corpo? Pode um currículo ser maior que a vida de uma pessoa? Se um sujeito não pode se expressar, ele existe? Terrorismo e ideologia de gênero é o que, de fato, já ocorre em nome de uma suposta natureza humana, reproduzindo a naturalização de violências.

É próspero que tenhamos diversos progressos em atuações e políticas de combate à violência contra a mulher e LGBTQs, tais como a AGENDA 2030, PLAN Internacional, ações da ONU e UNESCO. Todavia, essas minorias continuam a sofrer constantes violações e morte em níveis crescentes. Conforme os dados dos últimos três anos analisados pelo Atlas da Violência²⁴, os números de violências contra mulheres e LGBTQs não tiveram redução. Neste sentido, tais discussões são urgentes para o surgimento de novas formas de sociabilidade, políticas públicas, direitos sociais e sobretudo, de vidas possíveis de serem vividas.

Tanto por isto, que os estudos feministas, decoloniais *queer*, perspectivas interseccionais, essenciais na construção da crítica ao modelo binário dos papéis sociais de gênero, possam ser ainda mais disseminados nos espaços educacionais. Os campos de conhecimento da Psicologia, Educação e Políticas Públicas, têm muito a prosperar nos entrelaçamentos desses saberes rumo à uma educação mais próxima da vida das/dos estudantes.

“Meu conto só chega até aqui; ele termina, o vento leva adiante²⁵”.

É inegável o avanço no debate sobre as questões de gênero e sexualidades no campo educacional brasileiro a partir do amparo legal da Constituição Cidadã (1988), Lei de Diretrizes e Bases (1996), Diretrizes Nacionais de Educação (ensino fundamental e médio), Plano Nacional de Educação (2001-2010/2014-2024), Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006;2013), Lei Antibullyng (2015). No entanto, o ambiente escolar ainda permanece atravessado por compreensões equivocadas sobre o tema.

Em razão disto, a escola é um ambiente hostil, normatizante, onde ocorrem preconceitos e discriminações, principalmente contra mulheres e LGBTQs (Fialho & Souza, 2020). Assim, é problemático que o ambiente escolar, local apresentado/visto como espaço de construções subjetivas para alteridade, não esteja efetivamente colocando em prática os princípios da pluralidade, dignidade humana, conforme os marcos legais, acordos vigentes.

²⁴ Pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

²⁵ Trecho adaptado de um conto do livro: A Casa do Sonhos, Carmen Maria Machado (2021, pág. 345).

Dentro do ambiente escolar ensina-se para além das matérias. Indiretamente, a emoção, os afetos estão incluídos no processo de aprendizagem. Conforme Paulo Freire (2014) e bell hooks (2019), a aprendizagem deve ser pautada por uma pedagogia humanizadora, por um projeto de leitura e reflexão do mundo de forma aberta, questionadora. Objetiva e subjetivamente, a educação pode ser ponte para que as mulheres, comunidade LGBTQs alcancem maiores condições de participação, reconhecimento social, dignidade, fortalecimento psicossocial. A diferenciação entre capacidades humanas em razão do gênero e/ou sexualidade se assemelha à divisão colonizadora que hierarquizava por “raça/etnia” quais pessoas poderiam ser consideradas humanas.

Em relação as hipóteses iniciais, confirmou-se que o medo atravessa a atuação docente quando os assuntos sobre as questões de gênero e sexualidade se apresentam por parte das(os) estudantes. Bem como a formação enquanto graduação das(os) docentes respondentes foi insuficiente e/ou não abordou tais temáticas. No entanto, após a formação, o estudo permanente promovido pela rede de ensino estadual tem fomentado tais assuntos (cursos e afins). Enquanto suposições que emergiram no decorrer deste trabalho, nota-se que a pauta moral intensamente apresentada pelos setores neoconservadores da política brasileira são ataques não exclusivos à educação plural, mas sobretudo uma ameaça à democracia nacional, agravo aos direitos humanos fundamentais (BIROLI,2019; CARA,2020).

Referente aos desafios na execução da pesquisa, é necessário pontuar sobre alguns efeitos da pandemia de covid-19. Não bastasse a tensão do risco de contaminação e até morte a que todas(os) estavam sujeitadas(os), o agravamento da saúde mental²⁶ e sobrecarga de trabalho docente se configuraram como barreiras na realização e condução da pesquisa. Ainda que muitos elementos digitais tenham surgido ou melhorado para a continuação das aulas, eles não foram suficientes para aplacar os índices de evasão e abandono escolar, o aumento da burocracia e cansaço e adoecimento no trabalho das (os) professores. Talvez por isto, a adesão/participação dos profissionais nas oficinas foi menor que a esperada.

Ainda que tenha sido de grande importância a participação das(os) integrantes nas oficinas, nas (os) quais manifestaram-se muito favoráveis à inclusão do debate no currículo de formação docente, não é possível deixar de pensar sobre quais condições de abertura ao diálogo em relação aos temas debatidos nas oficinas as(os) demais profissionais tiveram, possuem ou

²⁶ Situação evidenciada nos relatos docentes da escola da pesquisa, notícias e pesquisas sobre o assunto. Por exemplo, notícias acessíveis em <encurtador.com.br/abfmv> e <encurtador.com.br/fpIU3>

terão; sobre os impactos disto na sala de aula; sobre os silêncios, as ausências nos encontros. Nenhuma resposta posso oferecer, mas são muitas as perguntas que ficam em aberto.

Em continuidade aos atravessamentos às discussões na pesquisa, foi elaborada uma proposta²⁷ de curso de extensão vinculado à graduação em Psicologia UFC/Sobral, intitulado “(Des)Aprendendo sobre Gênero: questões introdutórias para diálogos mais plurais e igualitários nos espaços educacionais”, voltando para estudantes de licenciaturas. Com o objetivo de fomentar a identificação e análise das questões de preconceito, discriminação e violência contra mulheres e LGBTQIA+ nos espaços educacionais, o curso terá carga horária de 40h, a ser realizado de modo virtual, estando previsto para ocorrer entre os meses de outubro a dezembro do ano de 2022 (proposta aceita pela instituição, anexo I).

Apesar das limitações que o trabalho possui, espera-se que esta produção possa contribuir com maiores estudos sobre o tema, fomentar outras pesquisas sobre o assunto, fortalecer práticas e políticas públicas que visem o combate contra as violências de gênero na sociedade, sobretudo nas instituições educacionais.

²⁷ Código: 2022.CS.xxxx.

Referências

- ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira; LONGHI, Márcia. “**Para Compreender Gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres**”. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de (Orgs.). *Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para formação docente*. Recife: EDUFPE, 2009. p. 75-96.
- ALBUQUERQUE, Kristine Kelly de. “**Diálogos de gênero na educação: considerações sobre o projeto Lei Maria da Penha vai às escolas**”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, e60485, 2020.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BIROLI, Flávia. *Autonomia, Dominação e Opressão*. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BIROLI, Flavia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos Machado. **Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: Disputas e Retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996.
- BRASIL. **Lei Nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 7, p.1-20, 10 jan.2001.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. **Projeto de Lei do Plano Nacional de Educação (PNE – 2011/2020)**. Brasília: Biblioteca Digital, Câmara dos Deputados, 2011. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/5826/projeto_pne_2011_2020.pdf?sequence=1.
- BRASIL. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 30 de maio de 2012**. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Magistério da Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno, [2012a]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp001_12.pdf.
- BRASIL. **Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015**. Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em:<< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm>>. Acesso em: 19 de março de 2016.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.** Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <Disponível em: <http://bit.ly/2fmnKeD> >.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <Disponível em: <http://bit.ly/1mTMIS3> >.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33. Disponível em <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18/3>>

CARDOSO, Livia de Rezende; GUARANY, Ann Letícia Aragão; UNGER, Lynna Gabriella Silva; PIRES, Manuella de Aragão. GÊNERO EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO E CURRÍCULO: do direito às invenções. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1558-1479, 19 dez. 2019. Portal de Revistas PUC SP. <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i4p1458-1479>.

CARA, Daniel. Contra a barbárie, o direito à educação. In: CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar.** São Paulo: Boitempo, 2019.

COYLES, Adryan. Análise do Discurso. IN: Breakwell, Glynis M; Hammond, Sean; Fife-Schaw, Chris; Smith, Jonathan A; Haase, Vítor Geraldi. **Métodos de Pesquisa em Psicologia.** Porto Alegre; Artmed; 3 ed; 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 4. ed: 2002.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 95-118.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2017. 283p.

hooks, bell. Educação Democrática. In: CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar.** São Paulo: Boitempo, 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas**, Universidade Federal do Rio Grande de Norte - UFRN, v. 01, nº 01, 2012. Disponível em: < <http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>> Acesso em jun. 2021.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A 'ideologia de gênero' existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019.

KROEF, Renata Fischer da Silveira; GAVILLON, Póti Quartiero; RAMM, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 464-480, 9 jul. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.52579>. Acesso em set.2022.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes,2014.

MACHADO, Carmen Maria. Na Casa dos Sonhos. Tradução Ana Guadalupe. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 23-26, mar. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232005000100005>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed., São Paulo: Hucitec, 2014.

PORTO, J. dos S. (2019). Currículo, gênero e sexualidade: uma análise sobre as práticas discursivas e não-discursivas que reforçam posições de gênero e sexualidade na escola. **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, 5(4). <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i4.1264>.

PRECIADO, Paul B. O que é a contrassexualidade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 23, n. 4, p. 64-73, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932003000400010>.

SILVA, Denise Regina Quaresma da; COSTA, Zuleika Leonora Schmidt; MÜLLER, Márcia Beatriz Cerutti. **Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação**. Educação, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 49, 29 maio 2018. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2018.1.29812>.

SONETTI, Sara Laham; GARCIA, Marcos Roberto Vieira. ENSINANDO A DIVERSIDADE OU A TRANSFOBIA? um panorama da educação sobre diversidade sexual e de gênero nas escolas da região de Sorocaba-SP e sua intersecção com saúde mental. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, v. 1, p. 173, 10 jan. 2020. Associação Pro-Ensino Superior em Novo Hamburgo. <http://dx.doi.org/10.25112/rpr.v1i0.191>

SOUZA, H. H. de, & FIALHO, L. M. F. (2020). **A Importância das Políticas Públicas Educacionais para as Questões de Gênero e Sexualidade na Escola**. Inovação & Tecnologia Social, 2(3), 19–32. <https://doi.org/10.47455/2675-0090.2019.1.3.3863>.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia & Sociedade**, [S.L.], v. 26, n. 1, p. 32-43, abr. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822014000100005>.

Yin, R.K. (2016) **Pesquisa Qualitativa do início ao fim** [recurso eletrônico]; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. - Porto Alegre: Penso

APÊNDICE I – Programação das Oficinas

PESQUISA INTERVENÇÃO

Gênero & Educação em Pauta: Diálogos para uma prática transformadora.

COMPONENTE CURRICULAR (conforme BNCC)	ÁREA DE CONHECIMENTO	CARGA HORÁRIA DOS ENCONTROS	PÚBLICO ALVO	PERÍODO
Debates Sociais Contemporâneos: Direitos Humanos e Questões de Gênero.	IV. Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.	20 horas (13 horas síncronas e 07 horas assíncronas)	Docentes do Ensino Médio	2021
HORÁRIO			PRÉ –REQUISITO(S)	
Semanal, entre 50 minutos e 1 hora.			Não se aplica	
CONTEÚDO				
Formas de conhecimento e representações sobre os papéis sociais de gênero. Os discursos e práticas acerca dos papéis sociais de gênero. Formas de violências sociais e institucionais contra mulheres e LGBTs. Compreensão dos impactos psicossociais das violências de gênero. Modos de enfrentamento às violências de gênero.				
OBJETIVOS				
<ul style="list-style-type: none"> ● Apresentação do contexto histórico, político e social constituintes dos papéis sociais de gênero e sexualidade. ● Dialogar sobre as compreensões e desafios no trabalho docente sobre os papéis sociais de gênero e sexualidade na escola. ● Identificar e analisar as questões de preconceito, discriminação e violência contra mulheres e LGBTs no cotidiano escolar. ● Debater ações de combate ao preconceito, discriminação e violência contra mulheres e LGBTs no cotidiano escolar. <p>* Com base nas orientações gerais das ÁREAS I (itens b, c, d, e), III (item b) e IV (itens e, f); e competências/habilidades: I, V, VI, VII, VII, IX E X. (*) Resolução CNE/CP 4/2018. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2018, Seção 1, pp. 120 a 122.</p>				
CALENDÁRIO DE ATIVIDADES				
Encontro	Data	Assunto		Plataforma

1 ^a	A definir	<p style="text-align: center;">Assunto: Apresentação</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Apresentação da pesquisa, objetivos e condução dos encontros. <input type="checkbox"/> Questões disparadoras sobre: formação docente, contexto escolar, trabalho docente, estudantes e família. <p style="margin-left: 20px;">- Formulário Síncrono: como docentes entendem o que é gênero, diversidade sexual e, violência, violência de gênero e como estes temas aparecem na experiência cotidiana da escola. (preenchimento para comparação posterior no fim dos encontros)</p>	Google Meet
2 ^a	A definir	<p style="text-align: center;">Assunto: Contexto Docente</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Diálogos sobre as dificuldades, de pensar e trabalhar sobre gênero na escola. <input type="checkbox"/> Questões disparadoras sobre: sentimentos, dúvidas e dificuldades de pensar e trabalhar sobre gênero na escola. <p style="margin-left: 20px;">- Vídeo para diálogo: - <i>Discussão sobre diversidade de gênero nas escolas</i> - <i>Qual o problema de discutir gênero na escola?</i></p>	Google Meet
3 ^a	A definir	<p style="text-align: center;">Assunto: Direitos das Mulheres À Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Questões disparadoras sobre: A educação é igual para todos? <p style="margin-left: 20px;">- Vídeos para diálogo: <i>Vamos redesenhar o futuro?</i> <i>A brecha dos sonhos</i> <i>Por Ser Menina - Plan International Brasil.</i></p>	Google Meet
4 ^a	A definir	<p style="text-align: center;">Assunto: Direitos das Mulheres À Educação</p> <p>Questões disparadoras sobre: Qual o lugar da mulher nas ciências?</p> <p>Vídeo para diálogo: Para Todas as Meninas na Ciência Zélia Ludwig</p>	Google Meet

5 ^a	A definir	<p>Assunto: Devolutiva do grupo</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Questões disparadoras sobre: como docentes identificam a relação de papéis sociais de gênero e educação? <input type="checkbox"/> Qual a importância do debate sobre os papéis sociais de gênero no desenvolvimento educacional das mulheres? <input type="checkbox"/> Como isto aparece na escola? <input type="checkbox"/> Como tem sido lidar/pensar sobre essas questões? 	
6 ^a	A definir	<p>Assunto: Questões de Gênero</p> <p>Diálogo sem questões disparadoras</p> <p>- Vídeos para diálogo:</p> <p><i>O que é isso, gênero?</i></p> <p><i>Gênero e Natureza</i></p> <p><i>O Desafio da Igualdade.</i></p>	Google Meet
7 ^a	A definir	<p>Assunto: Violência de Gênero</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Questões disparadoras sobre: como docentes identificam a violência de gênero na escola? <input type="checkbox"/> Se acontece, como aparece na escola? <input type="checkbox"/> Como tem sido lidar/pensar sobre essas questões? <p>- Vídeo para diálogo: <i>Série Fala Direito Comigo: violência de gênero.</i></p>	Google Meet
8 ^a	A definir	<p>Assunto: Violência contra mulheres</p> <p>Diálogos a partir da matéria: <i>Violência contra a mulher: novos dados mostram que não há lugar seguro no Brasil.</i> (leitura coletiva)</p>	Google Meet
9 ^a	A definir	<p>Assunto: Violência contra mulheres</p> <p>Questões disparadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Violência contra mulheres é um debate que ocorre na escola? Se sim, como? <input type="checkbox"/> Caso contrário, qual o motivo da ausência desse debate? <input type="checkbox"/> Os estudantes ou docentes relatam tais casos na escola? 	Google Meet

		Diálogos a partir do vídeo: <i>A violência contra a mulher em dados.</i>	
10 ^a	A definir	<p>Assunto: Homofobia.</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Diálogos a partir dos relatos do cotidiano escolar dos docentes e leitura de notícias: <input type="checkbox"/> Questões disparadoras: como docentes identificam as demandas sobre questões de gênero e sexualidade na escola? <input type="checkbox"/> Como você identifica a relação dos papéis sociais de gênero no desenvolvimento educacional e social das pessoas LGBTQs na escola? <input type="checkbox"/> Como tem sido lidar/pensar sobre essas questões? <p>Matéria: <i>Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia.</i></p>	Google Meet
11 ^a	A definir	<p>Assunto: Preconceito, discriminação e violência contra LGBTQIA+</p> <p>Diálogos a partir dos relatos do cotidiano escolar dos docentes e vídeo: <i>Um banheiro para trans?</i></p> <p>- Vídeo complementar:</p> <p>Saúde Mental, sexualidade, homofobia e suicídio LGBTQIA.</p> <p>Atividade assíncrona: pesquisar sobre os casos da Travesti Dandara, Luana Barbosa.</p>	Google Meet
12 ^a	A definir	<p>Assunto: Saúde mental e proteção em contextos de violências</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Diálogos a partir dos relatos do cotidiano docente. <input type="checkbox"/> Questões disparadoras: <input type="checkbox"/> Discriminações, violência de gênero e sexualidade podem afetar a saúde física e psíquica dos estudantes? <input type="checkbox"/> Se sim, já ocorreram casos na escola? <input type="checkbox"/> Como tem sido lidar/pensar sobre essas questões? 	Google Meet
13 ^a	A definir	<p>Assunto: Enfrentamento aos contextos de violências</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Diálogos a partir dos relatos do cotidiano dos docentes. <input type="checkbox"/> Entrega de um mini relatório, depoimentos sobre como o conteúdo das oficinas, da pesquisa contribuiu ou não na atividade docente? 	GoogleMeet

		<input type="checkbox"/> Como o conteúdo visto, os debates promovidos contribuíram ou não para uma escola mais diversa? <input type="checkbox"/> Como pensar e articular possíveis ações no enfrentamento às violências de gênero dentro da escola? - Formulário Síncrono: como docentes entendem o que é gênero, diversidade sexual, violência, violência de gênero e como estes temas são entendidos na experiência docente. (preenchimento para comparação análise agora e no fim dos encontros/oficinas)	
METODOLOGIA			
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Encontros de modo síncrono. ▪ Utilização de mídias digitais, recursos audiovisuais. ▪ Diálogos e discussão dos temas. 			
BIBLIOGRAFIA			
<p>BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm></p> <p>Brasil. Lei/L13185.Plano Nacional em Educação de Direitos Humanos (PNEDH, 2007) – 4º princípio; ações programáticas de nº 9 e 25. Disponível<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2191-plano-nacional-pdf&Itemid=30192></p> <p>Brasil. Lei nº 11.340/2010 – Lei Maria da Penha (Art. 8º, inciso V) – dispõe sobre a competência da escola na política pública que visa coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em< http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/spmrn/DOC/DOC000000000076385.PDF></p> <p>Brasil. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano CLII 213, p. 1, 9 nov. 2015. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm></p> <p>Brasil. Resolução CNE/CP 4/2018. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2018, Seção 1, pp. 120 a 122.Disponível em < http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104101-rcp004-18/file></p> <p>LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes,2014.</p> <p>JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações Sobre Identidade de Gênero: conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012.</p> <p>ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível < https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos></p> <p>SOUZA, H. H. de, & FIALHO, L. M. F. (2020). A Importância das Políticas Públicas Educacionais para as Questões de Gênero e Sexualidade na Escola. Inovação & Tecnologia Social, 2(3), 19–32. https://doi.org/10.47455/2675-0090.2019.1.3.3863</p>			

Links:

- Qual o problema de discutir gênero na escola? (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Kz_v19FRkGk&ab_channel=CartaCapital)
- Discussão sobre diversidade de gênero nas escolas | Observatório de Educação. (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=tAr3NeRv3ZA&list=PLVtYN7LYxBSnD-bbZ2P0WuhJPABmvvUCk&index=11&ab_channel=Instituto Unibanco Instituto Unibanco)
- Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência. (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=jNDXiW4_bIM&t=43s)
- Por Ser Menina - Plan International Brasil (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=E3gjHiDO_P0&ab_channel=PlanInternationalBrasilPlanInternationalBrasil)
- A brecha dos sonhos (Disponível em <https://es-la.facebook.com/semanademeninasemulheresnaciencia/videos/a-brecha-dos-sonhos-projeto-lan%C3%A7ado-pela-barbie/173779250153043/>).
- Para Todas as Meninas na Ciência | Zélia Ludwig. (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=rNoC8zDc408&ab_channel=TEDxTalksTEDxTalks)
- Vamos redesenhar o futuro? (Disponível em https://www.facebook.com/semanademeninasemulheresnaciencia/videos/vamos-redesenhar-o-futurouma-semana-antes-do-dia-internacional-da-mulher-a-ong-b/306857249936176/?__so__=permalink&__rv__=related_videos)
- O que é isso, gênero? (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fdUMofTuUnU>)
- Gênero e Natureza (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vK3koIjeWoc>)
- O Desafio da Igualdade. (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=04u0UHEq2f4>)
- Série Fala Direito Comigo: violência de gênero. (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=U3qR8IYetVE>)
- A violência contra a mulher em dados.* (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Z4FvS7c3JRA&ab_channel=MeteoroBrasilMeteoroBrasil)
- Matéria: Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia. (Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html)
- Um banheiro para trans?* (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=t_5O4AbzBZk).

- Saúde Mental, sexualidade, homofobia e suicídio LGBTQIA. (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8lzxnxTmFbY>)

Material Complementar:

- Série Animada: Que corpo é esse? (Disponível em <https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/que-corpo-e-esse/t/s7gKrgmM86/>).
-
- Como incluir atividades pedagógicas que abordam o movimento LGBTQI++ Disponível em: <https://entretantoeducacao.com.br/educacao/como-incluir-atividades-pedagogicas-que-abordam-o-movimento-lgbtqia/>.

APÊNDICE II - Tabela 02: Gênero & Educação em Pauta²⁸

Docente	Fale sobre o que você entende sobre gênero:	Fale sobre o que você entende sobre orientação sexual:	Fale sobre o que você entende sobre violência de gênero, o que é? Como ocorre?	Pra você, gênero, orientação sexual se articulam com o campo da educação, na sua prática docente? Se sim, como?	Como as questões de gênero e sexualidades se manifestam na escola onde trabalha, na sua sala de aula?	O que você acha sobre as discussões sobre gênero, diversidade sexual e /ou violência de gênero serem trabalhadas com professoras(res)?	Na sua formação, houve espaço para as discussões sobre gênero, diversidade sexual e /ou violência de gênero?	Após a formação, houve espaço para as discussões sobre gênero, diversidade sexual e /ou violência de gênero?	Sobre violência de gênero, violência contra a mulher, você já soube ou presenciou alguma situação em sala de aula? Se sim, conte um pouco sobre isto.	O que você acha sobre as discussões sobre gênero, diversidade sexual e /ou violência de gênero serem trabalhadas com estudantes?
E	A identidade do ser humano no meio em que vive.	O ser humano já nasce com predisposição a ser hetero, trans, homossexual, etc. Ele não se torna.	A não aceitação a escolha do outro. A rejeição a sexualidade através de violência física, verbal, psicológico.	Sim, através da apresentação a pluralidade, a tolerância e ao respeito a diversidade.	Através de notícias de telejornais e comentários destas.	Sim, devem ser dialogadas entre professores e alunos.	Gênero, Diversidade sexual, sexualidades ou orientação sexual, Violência de gênero, Violência contra a mulher	Gênero, Diversidade sexual, sexualidades ou orientação sexual, Violência de gênero, Violência contra a mulher	Sim, a aluna sofreu violência física da mãe. Conversamos com ela.	Sem resposta.

²⁸ Respostas anteriores ao início das oficinas.

F	Gênero é como você se identifica: homem ou mulher (trans ou cis) ou não binário(a).	Orientação sexual é como você vivencia a sua sexualidade. Está além da identidade de gênero.	Há várias formas de violência de gênero: (i) quando não respeitam o seu direito de vivenciar a sua identidade de gênero e/ou a sua sexualidade; (ii) as várias formas de opressão contra as mulheres (cis ou trans); (iii) as manifestações de masculinidade tóxica que afetam também os homens. Estas manifestações podem acontecer na forma física, psicológica ou ambas.	Com certeza. É impossível educar um ser humano sem salientar as questões de gênero, pois elas são elementos fundamentais nas relações entre os seres humanos. Não há a menor possibilidade de termos uma sociedade onde as pessoas aprendam a conviver de forma respeitosa e empática, por exemplo, se não tivermos uma orientação afirmativa nesse sentido.	Nem sempre são harmônicas. Na escola onde eu trabalho tivemos eventos com boas oficinas e debates sobre a questão, as quais tiveram ampla participação. Contudo, creio que dois elementos são fundamentais para que se realize um trabalho mais consistente: (i) inserir no currículo; (ii) formação continuada para todos os professores. Não faz sentido haver mediação apenas mediante conflitos e, da mesma forma, se um professor não tem nenhuma formação no sentido de compreender o seu papel (independente de credo e de moralidade), a escola nunca estará preparada	Essencial.	Gênero	Gênero, Diversidade sexual, sexualidades ou orientação sexual, Violência de gênero, Violência contra a mulher	Sim. Machismos, homofobia, falta de sororidade, entre outras são muito comuns no cotidiano escolar, afinal, os(as) estudantes tendem a expressar aquilo o que vivenciam enquanto sociedade. Há casos de estudantes (e professores) que se incomodam e são desagradáveis com mulheres ou homens trans, no sentido de não apenas questionarem e exporem as suas escolhas, mas não reconhecerem os nomes sociais. Isso é humilhante e desestimulante para assegurar o direito deles/delas à educação. Há	Sem resposta.
----------	---	--	---	--	--	------------	--------	---	---	---------------

para lidar e orientar para a questão.

casos de estudantes do sexo masculino que querem determinar o que as garotas devem vestir, que não respeitam as suas falas. Masculinidade tóxica é comum, assim como a falta de sororidade entre as meninas. Temos trabalhado para desconstruir e problematizar, mas se não for algo que envolva a todas(os) nunca será o suficiente. Temos que educar os educadores em primeiro e isso não deveria ser algo facultativo, não diante do atual contexto.

A	<p>Gênero é um termo que designa a identidade do ser quanto ao seu sexo. Através disso podemos identificar por atributos físicos e psicológicos o indivíduo correspondente ao seu gênero.</p>	<p>Identifica por quais sexos a pessoa se sente atraída. Na sociologia a orientação sexual e interpretada por diferentes contextos. exemplo: Ela pode ser assexual (nenhuma - ou raros, ou específicos momentos de - atração sexual), bissexual (atração por pessoas do mesmo sexo e do sexo oposto), heterossexual (atração pelo sexo oposto), homossexual (atração pelo mesmo sexo) ou pansexual (atração independente do gênero).</p>	<p>E um tipo de violência física ou psicológica exercida contra qualquer pessoa. A violência de gênero está ligada a questões físicas e históricas sociais, onde um gênero se impõe sobre o outro. Geralmente esse tipo de violência parte mais do gênero masculino sobre o feminino e a própria cultura humana fortalece essa pratica por sempre enaltecer um gênero ou grupo de gênero.</p>	<p>Se articula por fazer parte da formação do indivíduo como pessoa, todos nós nascemos com um dos dois gêneros. Mas é na vida social e educacional que o indivíduo vai se identificando e se orientando sexualmente.</p>	<p>Bem quanto se fala no quesito participação acho que os dois gêneros impõem seu papel quanto ao seu momento e espaço. mas percebo que as mulheres são mais ativas nas discussões.</p>	<p>E interessante por que o público de hoje e cada vez mais diverso em sala de aula.</p>	<p>Nenhum dos temas</p>	<p>Gênero</p>	<p>Não</p>	<p>Sem resposta.</p>
---	---	--	---	---	---	--	-------------------------	---------------	------------	----------------------

C	Do ponto de vista das Ciências Sociais, seria aquilo que diferencia socialmente as pessoas, levando em consideração, por exemplo, padrões histórico-culturais.	Está relacionada com as formas de atração e sexual de cada ser humano.	Seria qualquer tipo de agressão física, psicológica ou sexual contra alguém em situação de vulnerabilidade devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual. Em muitos casos, acontece em decorrência do preconceito e da desigualdade entre homem e mulher, na sociedade contemporânea.	Sim. As escolas devem ser espaços democráticos de discussão das referidas temáticas. Defendo a iniciativa que desde a educação infantil, tais temáticas, sejam apresentadas e vivenciadas reflexivamente no cotidiano escolar.	Através dos conteúdos pré-estabelecidos na proposta curricular das disciplinas, trabalhadas em oficinas, minicursos, ou seminários e eventos culturais e sociais.	Considero uma iniciativa importante.	uma muito	Gênero, Diversidade sexual, sexualidades ou orientação sexual	Gênero, Diversidade sexual, sexualidades ou orientação sexual, Violência de gênero, Violência contra a mulher	Sim. Infelizmente, já presenciei uma briga entre dois alunos do 9º ano; onde um deles era homossexual. Esse foi ferido na cabeça pelo colega, que afirmava não aceitar a orientação sexual do colega de sala.	Sem resposta.
B	Sou bastante leigo quanto a isso.	Escolha da pessoa quanto ao que se sente mais atraído ou como se identifica no momento do ato sexual.	São palavras, gestos ou ações q desrespeitam a escolha ou atitudes de outras.	Não sei responder claramente	Através de falas ou atitudes dos discentes.	Acho uma excelente ideia, mas que precisa de mais discussão a respeito ou conhecimento sobre o assunto.	Nenhum	dos	Diversidade sexual, sexualidades ou orientação sexual, Violência contra a mulher	Já vi algumas cenas de mulheres casadas sofrendo nas mãos de seus maridos, mas que que infelizmente mesmo denunciando as agressões as próprias mulheres retiravam a queixa. Também já vi durante a minha infância e adolescência	Sem resposta.

essas cenas em meu lar.

D	Culturalmente construído, gênero está relacionado aos papéis sociais, comportamentos e visão de mundo, do masculino e do feminino dentro de cada sociedade.	Diz respeito à sexualidade de cada indivíduo e de como ele a exerce na sociedade.	Compreendo como a agressão física, simbólica ou verbal com indivíduos de sexualidade diferenciada, e praticada contra as mulheres.	Sim, articulam-se. Compreendendo a escola como um espaço de identidades, identificação e diversidades.	Quando tempos que conscientizar nossos alunos em relação à homofobia. E ensiná-los a respeitar os colegas "diferentes" que não se adequam aos padrões. E combater a misoginia.	Acho fundamental para nossa prática docente. Devemos estar preparados para trabalhar com as gerações presentes e as futuras.	Nenhum dos temas	Diversidade sexual, sexualidades ou orientação sexual	Pessoalmente, já enfrentei uma situação de homofobia dentro de sala de aula.	Sem resposta.
----------	---	---	--	--	--	--	------------------	---	--	---------------

Fonte: dados da pesquisa.

APÊNDICE III – Tabela 03: Gênero & Educação em Pauta²⁹

Participante:	A partir do que foi discutido, como você identifica as demandas sobre questões de gênero e sexualidade na escola	Como você identifica a relação dos papéis sociais de gênero no desenvolvimento educacional e social das pessoas LGBTQTs na escola?	Fale sobre o que você entende sobre gênero:	Fale sobre o que você entende sobre orientação sexual:	Fale sobre o que você entende sobre violência de gênero, o que ocorre?	Pra você, gênero, orientação sexual é? Como ocorre?	Pra você, gênero, orientação sexual é? Como ocorre?	Como as questões de gênero e sexualidade se manifestam na escola, na sua prática docente? Se sim, como?	Sobre a violência de gênero, contra a mulher já soube ou presenciou alguma situação em sala de aula? Se sim, conte um pouco sobre isto.	O que você acha sobre as discussões sobre gênero, diversidade sexual /ou violência de gênero serem trabalhadas com professoras(res)?	Como tem sido lidar/pe nsar sobre as questões que foram debatidas nas oficinas?	Pra você, existir am dificuldades para a participação do grupo? Se sim, quais?	Como o conteúdo das oficinas contribuiu ou não para a atividade docente? Para uma escola mais diversa?	Como o conteúdo visto, os debates promovidos contribuíram ou não para o gênero dentro da escola?	Se quiser, deixe um comentário, sugestão ou crítica sobre as atividades ocorridas.
---------------	--	--	---	--	--	---	---	---	---	--	---	--	--	--	--

²⁹ Respostas após o fim das oficinas.

B	São assuntos necessários os a serem discutidos com os alunos	É uma forma desses entenderem suas identidades e de se acolhidos.	No que compree ndo até o momento é a escolha que a pessoa sente em seguir. É como ela se identifica .	Seria o sexo que a pessoa sente atraído.	Compreendo como sendo palavras , ações ou mesmo gestos que ferem ou desrespeitam outra pessoa quanto a questão de suas escolhas .	Ela seria uma pequena ramificação que precisa ser abordada nas aulas, sejam através de estatísticas, pesquisas ou mesmo busca de fatores que a influenciam.	Geramente exige o respeito , mas ainda não trabalhamos o assunto de forma mais direcionada.	Sim. Através de palavras e posicionamentos machistas.	Uma necessidade.	Foram muitas informações e questionamentos que surgiram em minha mente, mas que preciso ser amadurecida e esses temas precisam ser debatidos em sala.	Sim, o tempo que algumas vezes chocava m com as não planejad os, alguns assuntos precisam de mais tempo para serem trabalhados e intensificados	Apurou mais meus sentidos para identificar quando tais situações estejam acontecendo também me sensibilizou mais a ver o lado das outras pessoas e apoiá-las. Não adianta somente cometermos a violência, precisamos combater essas atitudes e falas.	Com esses assuntos tivemos um norte até o trato das pessoas.	Creio que o melhor meio seria unir toda a comunidade escolar para participar dessas ações.	Esses temas precisam ser trabalhados na escola através de oficinas e escutas . Criar dias específicos para essas ações. Movimentar toda a escola para elas.
----------	--	---	---	--	---	---	---	---	------------------	---	---	---	--	--	---

A	Digamos que esse tema vem engatinhando nas discussões de rodas de conversa nas aulas com temas interdisciplinares, ou seja, a escola precisa instruir mais nossos docentes sobre esse assunto tão relevante nos dias de hoje.	Ainda temos resistência de pessoas que convivem com a situação, como também do próprio indivíduo que se abre abertamente em um ambiente social como a escola. Espacialmente dos transgêneros, que são afetados nessas relações de papéis sociais.	Gênero é o termo utilizado para designar a construção social do sexo biológico. Mas sempre o sexo biológico influencia no desenvolvimento social do indivíduo devendo ele ser mulher ou homem, pois a identidade de gênero se constrói a partir do momento em que a pessoa começa a se identificar como tal, em construção	É a preferência do indivíduo por um gênero sexual que lhe atrai, se for do mesmo sexo essa pessoa e considera da homossexual, se for do sexo distinto essa pessoa é uma heterossexual. Um exemplo hipotético é caso dos transgêneros, mesmo tendo o sexo biológico diferente de como se identifica socialmente, essas pessoas podem despertar a atração de heterossexuais	A violência de gênero se define como qualquer tipo de agressão física, psicológica, sexual ou simbólica contra alguém em uma situação de vulnerabilidade devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual. As mulheres e os grupos LGBTs são os mais afetados.	Através do diálogo aberto com alunos que estão vivendo esse processo de descoberta para sanar qualquer dúvida sobre o, ou seja, a identidade de gênero ou orientação sexual. Nesse tema.	De modo geral, tratando de colegas de trabalho e um assunto que quase ninguém comenta. Já em relação aos alunos como eles veem essas questões, tem uma visão limitada, quando se manifestam em sala de aula geram opiniões divergentes.	Não	É uma temática bastante interessante para trabalhar com os docentes independentes de sua área.	Muito instigante, pode aprender nesses encontros que esse assunto é bem mais abrangente do que eu imagina, bastante complexo e diverso.	Nenhuma dificuldade.	Contribuiu para meu enriquecimento intelectual e saber que é um assunto em constante mudança, devido a termos e neologismos próprios.	Contribui sim para uma instituição social como a escola que tem essa missão de se adequar as novas demandas e atender ao público cada vez mais diverso.	É prevenir tal violência através de aulas, oficinas e palestras de orientação preventiva a esse tipo de ato.	Quero só agradecer pela oportunidade de participar dessa oficina, que pra mim foi muito esclarecedora com esse tema tão crucial em nossa sociedade que é bastante desigual e excludente para as minorias.
---	---	---	--	---	--	--	---	-----	--	---	----------------------	---	---	--	---

			ção social a partir da infância.	uais já que fisionomicamente ganha feições de uma pessoa oposta ao seu sexo biológico.											
D	Precisamos, como professores, discutir mais sobre essas questões. É estarmos atentos sobre de que forma os preconceitos se manifestam dentro da escola.	Precisamos de mais formação profissional para que esse desenvolvimento verdadeiro aconteça, propiciando a cidadania das pessoas LGBTs.	O gênero está relacionado aos papéis sociais exercidos pelos indivíduos em uma determinada sociedade.	Compreendo a orientação sexual como sendo o exercício da sexualidade humana, seja ela qual for, independentemente do seu sexo.	Está muito relacionada à violência contra a mulher e contra as pessoas de sexualidade diferenciada.	Sim. No sentido de que a escola é um espaço democrático, que recebe uma diversidade de pessoas em todos os aspectos, classe, gênero, cor e raça.	Quando identificamos jovens e adolescentes que já sofrem preconceitos em relação à sua sexualidade.	Sim. Sempre discuto com os alunos sobre o respeito, combate e prevenção do bullying.	Acho uma ideia excelente e deveria se tornar rotina na escola.	Travamos debates excelentes que com certeza nos instigaram a pensar mais sobre o assunto.	Não	Os vídeos apresentados foram didáticos e explicativos.	De forma a esclarecer da importância do respeito à diversidade escolar e nos preparar para as eventualidades dentro da escola.	Uma boa formação profissional nos leva a exercer uma prática docente melhor elaborada dentro da escola.	Foram muito proveitosas. Infelizmente, não tivemos o tempo necessário para continuarmos e discussões.

Fonte: dados da pesquisa.

ANEXO I - Parecer de aprovação do curso de extensão universitária.



Portal do
Docente

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS

EMITIDO EM 04/10/2022 12:45

Si *secretaria de
tecnologia da
informação*

DADOS DO PARECER

Código: 2022.CS.xxxx
Título: (Des)Aprendendo sobre Gênero: questões introdutórias para diálogos mais plurais e igualitários nos espaços educacionais.
Ano: 2022
Financiamento: FINANCIAMENTO INTERNO (CP UFC)
Tipo de Ação: CURSO
Parecerista : SIMONE SANTOS SOUSA
Unidade Distribuidora : CAMPUS DA UFC EM SOBRAL (11.00.01.28)
Situação: AVALIADO
Data do Registro: 30/09/22 20:48:02